



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

RITMO E TRANSFERÊNCIA FONOLÓGICA, UM ESTUDO COMPARATIVO DE FALANTES BRASILEIROS NA PRODUÇÃO DO INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE).

Jaeffison Fonseca Furtado; Leônidas José da Silva Junior

Universidade Estadual da Paraíba – jaeffisonjff@hotmail.com - leonidas.silvajr@gmail.com

RESUMO:

O respectivo trabalho tem por objetivo mostrar um estudo comparativo dos aspectos rítmicos da língua inglesa a partir de falantes nativos do Brasil que utilizam o idioma inglês como L2, e falantes nativos do inglês como (L1). Segundo Cooper (1970) e Corder (1967) a aquisição de L1 na infância e a aquisição de L2 na fase adulta partem de processos semelhantes. Em conformidade com McArthur (1998), não há nada mais fundamental para uma língua do que seu ritmo. É um dos primeiros recursos a ser assimilado quando criança e um dos mais difíceis à mudança em sua fase adulta. No processo de produção do ritmo, brasileiros falantes de inglês como L2 deixam transparecer um fenômeno chamado Transferência Fonológica (TF) na produção da fala. Ainda como marco teórico dessa análise, teremos Silva Jr & Silva (2014), Celce-Murcia (2010), Roach (2005, 2009), Figueiredo (1995) e Pike (1945). A metodologia da presente pesquisa se dá através da coleta de dados acústico de informantes nativos do Brasil e informantes nativos dos Estados Unidos da América. Nossos dados foram analisados sob um ponto de vista fonético-acústico através do programa computacional PRAAT, que temos como ferramenta auxiliar em nossas análises. Como resultados, nossa pesquisa corrobora os estudos de Silva Jr & Silva (2014), em que concluímos que o uso do *listening* como primeira habilidade poderá minimizar os efeitos da Transferência Fonológica em L2.

PALAVRAS-CHAVE: Ritmo, Transferência Fonológica, Fonologia, Inglês.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende mostrar um estudo comparativo entre os brasileiros falantes/aprendizes de língua inglesa como (L2) e falantes nativos do inglês como língua materna (LM). O português do Brasil e o inglês trazem características rítmicas distintas, Lloyd James (1940) e Pike (1945) afirmaram que a ritmicidade emitida por um falante de língua inglesa se caracteriza por um seguimento de oscilação entre sílabas forte e fraca (isocronismo acentual), e o português, teria uma sucessão de sílabas igualmente espaçadas no tempo (isocronismo silábico). Para mostrar essa distinção, Pike (1945) acaba denominando essas características de (*syllable-timed*) e (*stress-timed rhythm*) ritmo silábico e ritmo acentual.

Em continuidade, iremos destacar as interferências rítmicas produzida por brasileiros falantes da língua inglesa como L2. O fenômeno, denominado transferência fonológica, ocorre quando o aprendiz de língua inglesa transfere



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

característica e aspectos fonético-fonológicos rítmicos de sua língua materna (LM) para a L2. A ocorrência desse evento é considerada comum em estágio de aprendizagem, pelo fato do aprendiz ter o padrão de símbolos linguístico de sua língua materna internalizados. É esse fenômeno que tratamos de analisar e descrever em nossa pesquisa.

Conforme (Scarpa apud Silva Jr 2013) o ritmo da fala é adquirido na infância e configura-se em um dos traços mais distintivos de uma língua, tornando-se, na fase adulta algo rígido a mudanças por ter sua escuta assentada nos traços de sua língua materna, dificultando assim, os aspectos prosódicos da nova língua (L2).

Para isso, trabalharemos com algumas categorias de análise: dicotomização do ritmo em silábico e acentual, Pike (1945), aspectos fonológicos não-lineares Celce-Murcia (2010); Avery & Ehrlich (2012) e Roach (1982).

Logo, essa proposta de estudo inicial tem por objetivo mostrar que há interferência fonológica entre os ritmos do português do Brasil PB no inglês, e que tal fenômeno carece de um olhar especial no ensino de pronúncia de inglês como L2.

Deve-se enfatizar ainda sobre a metodologia de ensino de língua estrangeira nas instituições escolares do Brasil, elaborada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que é composto por leis que regem todas as áreas de ensino das escolas públicas do país.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Aquisição

Para se obter a aquisição em uma nova língua é necessário passar por processos semelhantes ao idioma materno. Cooper (1970) e Corder (1967) afirmam que a aquisição de L1 na infância e a aquisição de L2 na fase adulta se têm processos semelhantes. Ambos os aprendizes só irão desenvolver suas habilidades se houver uma exposição por parte do aprendiz ao idioma por meio do processo de uso da percepção e da fala.

Os mais jovens quando expostos a um novo idioma tendem a terem melhores chances no que se diz respeito à aquisição de uma L2. Por outro lado, os adultos em processo de aquisição da L2 são qualitativamente diferentes na aquisição de L1. Assim, adolescentes e adultos não são mais capazes de recorrer às capacidades inatas de aquisição de língua que funcionam tão bem nas crianças.

Vale ressaltar que, mesmo havendo um bloqueio isso não impede que a aprendizagem fonética se estabeleça, pelo menos para os bilíngues tardios. Os bilíngues terão uma tendência de desenvolver uma categoria “híbrida”, onde as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

propriedades de sons da fala de L1 e da L2 serão distintas foneticamente, mas percebidos como semelhantes.

2.2. Ritmo

Em linguística, o ritmo tem sido um objeto de estudos, tendo em vista que, nos dias de hoje se tem muitas divergências na área. Quanto à tipologia, atualmente, não se existe uma manifestação satisfatória. A definição de ritmo, de modo direto na linguística, está ligada a ideia de tempo e duração (Massini-Cagliari, 1992). Assim, o tempo e a duração acabam por definir a noção de *isocronia* que existe em ambas as línguas, português e inglês.

There is nothing more fundamental to a language than its rhythm: it is one of the first features to be acquired by children and one of the most difficult for adults to change, or to adopt convincingly in another language. The rhythm of language begins in the lungs, in pulses of air produced by the movement of the intercostal respiratory muscles. (McARTHUR, 1998, p. 14)

Podemos classificar o ritmo como silábico e acentual (*syllable-timed* e *stress-timed rhythm*), O argumento de Pike (1945), é de que o italiano, seguramente, pode ser usado como exemplo de língua silábica assim como o português do Brasil (PB). Já o russo e o inglês são marcados como línguas acentuais, onde se tem pulsos fortes e fracos (DAUER, 1983).

Uma língua com padrão silábico baseasse em uma reprodução constante de sílabas, ou seja, em um mesmo espaço de tempo. Todavia, para se dizer uma quantidade de tempo em uma dada sentença vai depender da quantidade de sílabas. A ocorrência de contrações silábicas esporadicamente ocorre.

Em padrão rítmico acentual como a língua inglesa, o ritmo se consiste em sílabas fortes e fracas no processo da fala. As sílabas fracas acabam por ser comprimidas, chegando até a desaparecer. Essa sucessão de alternância entre sílabas acentuadas e não-acentuadas, isto é, isocronismo acentual acaba por nos fazer distinguir o silábico do acentual.

Segundo Scarpa (2000, p. 49.)

[...] há uma crença generalizada de que algumas pessoas podem atingir razoável sucesso com a aquisição da gramática, do vocabulário e do domínio de regras pragmáticas na segunda língua adquirida após a adolescência. O consenso não é o mesmo, entretanto, quando se considera que o falante não-nativo se trai nos domínios prosódico-fônicos da língua estrangeira, em que o "sotaque",



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mesmo sutilíssimo, pode ser detectado por falantes nativos da língua-alvo. A aquisição e desenvolvimento das formas fônicas de segunda língua continuam pouco explorados ou, pelos menos, pouco explicados.

Depois dessa breve configuração das dicotomias do ritmo, pode-se passar para a próxima seção, destinada a apresentar alguns conceitos desenvolvidos sobre a aquisição e transferência fonológica da L1 para a L2.

2.3. Transferência fonológica

Partindo desse posicionamento, uma vez apontado o objeto da presente discussão, o enfoque dado a esta, vou lançar mão de um instrumental teórico para analisar os discursos produzidos sobre transferência fonológica (TF), em específico, as dicotomias de ambas as línguas L1 e L2.

Durante a fala em L2, vários processos de TF podem ocorrer. No momento em que se inicia a aquisição de um novo sistema linguístico, o aprendiz de L2 acaba por se deparar com inúmeras dificuldades, dificuldades essas causadas pelos efeitos do conhecimento fonético-fonológico da sua L1. Assim, podemos dizer que existe uma forte propensão em haver certo grau de transferência entre os dois sistemas dessemelhante.

Os aprendizes de L2 podem, de início, acabar produzindo sons que correspondam na L1, isso ocorre porque o sistema fonológico do aprendiz já está enrijecido/composto por um sistema adquirido desde a infância e com difícil mudança na fase adulta.

Se o aprendiz de L2 tiver sequencialmente contato com ambos os idiomas na infância, o sistema fonológico da criança separará e reconhecerá os dois sistemas fonético-fonológicos sem dificuldades.

A grande razão para que se tenha transferência de L1 para a L2 é que, os aprendizes tardios de L2 continuem a utilizar sua L1, assim, provavelmente, acaba por influenciar em seus desempenhos na L2.

Em um processo de aprendizagem de uma nova língua estrangeira, é natural que se tenha um processo de transferência fonológica por parte do aprendiz. O “novo” idioma tem suas particularidades e o aprendiz por desconhecimento acaba por utilizar aspectos fonológicos, não só isso, o mesmo tende a seguir com respeito à sintaxe, à morfologia, e até os itens lexicais.



Essa tendência da transferência fonológica do português para o inglês por parte dos alunos não é novidade, mas é preciso ter olhos para um melhor ensino/aprendizagem por parte dos professores e alunos.

Nos PCNs, (Brasil, 2006 p. 91) é constado que nas escolas brasileiras de ensino fundamental e médio se têm casos de falta de clareza no que se diz respeito ao objetivo da disciplina. Essa falta de clareza seria a tentativa contínua de a escola concentrar-se apenas no ensino linguístico ou instrumental da LE, deixando outras estratégias educacionais e culturais de fora. Através deste, tem-se o presente estímulo a um ensino que procura se preocupar com uma cultura que nos permita nos compreender e nos ajudar em condições sociais e pessoais, com um modo de pensar muito mais livre, diferentemente do ensino de inglês em cursos privados de idiomas que visam apenas à fluência do aluno e o ganho da instituição. Assim, ensinos – público e particulares – teriam objetivos e finalidades diferentes.

3. METODOLOGIA:

A metodologia deste trabalho foi realizada com base na coleta de material fonético a partir de dados gravados por um total de dois informantes, um brasileiro, natural do estado da Paraíba, e um norte americano, natural do estado de Washington, D.C. As duas pessoas se voluntariaram na participação da coleta.

Para a coleta de dados utilizou-se um app-gravador *SmartVoice Recorder* rodado no dispositivo *Samsung Galaxy S3 slim*, tendo como objetivo captar a produção da frase-veículo: “*Father, I can show the car in the afternoon.*” (a frase nos mostrará o fenômeno prosódico de ambas as línguas). Depois de coletados, os dados foram rodados e analisados no programa computacional *PRAAT* versão 5.3.70.

A partir daí, foi possível descrever, sob o ponto de eurritmia, o comportamento rítmico dos dados.

Para determinar a tipologia rítmica nos ancoramos nas vogais por apresentar maior estabilidade.

4. RESULTADOS



Primeiras imagens – Americano

Na primeira instância da análise, levaremos em conta as palavras, WASH, CAR e AFTERNOON, para ambas as análises. São elas que nos determinará o tempo em milissegundos produzido por cada falante. O estudo ainda nos deixará claro que, existe uma transferência rítmica por parte do brasileiro para o novo idioma, onde o idioma inglês, de classe acentual, acaba por vir a ser produzido com ritmo silábico no momento da produção.

Só é possível distinguir essa eventualidade devido ao uso da plataforma de análise acústica, chamado PRAAT. Com ele, poderemos descrever todas as ocorrências aqui expostas.

Na primeira imagem nós temos a produção do nativo norte-americano. O inglês, assim como o PB, possui aspectos prosódicos distintos (ritmo e entonação) que variam de uma língua para a outra. Ainda com base nesta análise é seguro argumentar que o norte americano apresenta um ritmo bem marcado pela pronuncia mais forte apenas nas sílabas portadoras de acentos.

O informante americano realiza um prolongamento perceptível pelo tempo de duração de emissão das vogais. Há uma enfatização em determinados momentos da fala e há variação da frequência do ritmo, com batidas fortes e fracas, como também uma sequência entoacional estável, se levarmos em consideração a frequência fundamental (F0), fenômenos estes inerentes a língua inglesa.

Em contrapartida o brasileiro tende a encurtar (desacelerar) as vogais realizando uma distribuição silábica harmônica ao produzir a frase transferindo fonologicamente aspectos de sua língua materna (L1) para L2, de acordo com Fraser (2001), a primeira língua exerce uma imensa influência de maneira inconsciente na formação da percepção e concepção de aspectos prosódicos de outras origens.

Ao compararmos os milissegundos de cada palavra em destaque, podemos evidenciar o fenômeno descrito acima. Na palavra **WASH**, pronunciada na frase pelo americano, temos uma produção com uma equivalência de 0.345 milissegundos. Já o brasileiro acabou por produzir a mesma palavra em 0.283 milissegundos.

Na seguinte palavra, **CAR**, o americano desacelera e sua pronuncia é marcada em 0.279 milissegundos e o brasileiro acaba por prolongar/acentuar em 0.470 milissegundos a mesma palavra. Ainda dando continuidade as nossas comparações, temos **IN**, que é executado de uma forma tão rápida, que foi necessária uma abertura bem



precisa para que pudéssemos ver o valor de 0.065 milissegundos produzido pelo americano. Já o brasileiro acaba por prolongar a mesma palavra em 0.204 ms. Uma quantidade muito alta se compararmos com o nativo de língua inglesa.

A palavra **THE** com 0.071 ms, também tem uma redução bem significativa por parte do norte-americano. Em contrapartida, o brasileiro estende sua pronuncia em 0.219 ms. Assim, temos uma quantidade de 0.148 milissegundos de diferença entre o norte-americano e o brasileiro.

Para finalizarmos, aqui destaco a última palavra, **AFTERNOON**, pronunciada pelo falante nativo de língua inglesa. A mesma foi dividida em duas partes, **AFTER** com 0.276 ms e **NOON** com 0.341. O brasileiro marcou a sua pronuncia na primeira em 0.226 ms e na segunda 0.268 ms.

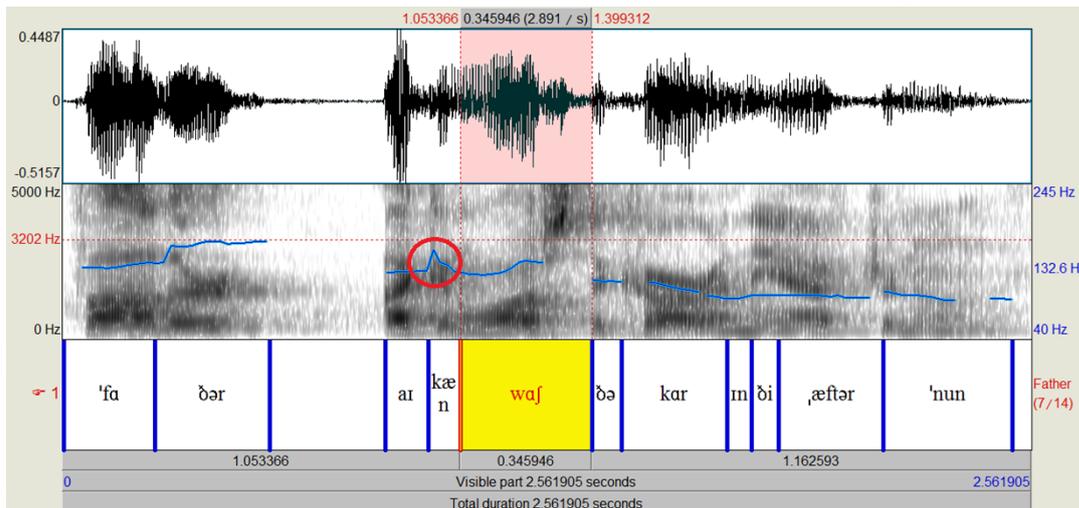


Fig. 1: Forma de onda e espectrograma com visualização de duração, F0 e isocronia produzida por um falante norte americano

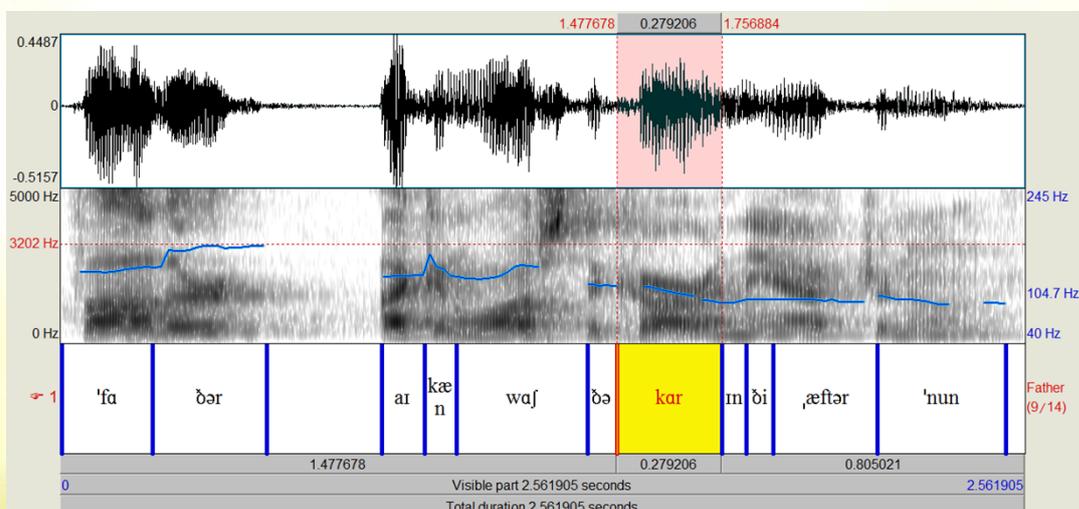




Fig. 2: Forma de onda e espectrograma com visualização de duração, F0 e isocronia produzida por um falante norte americano

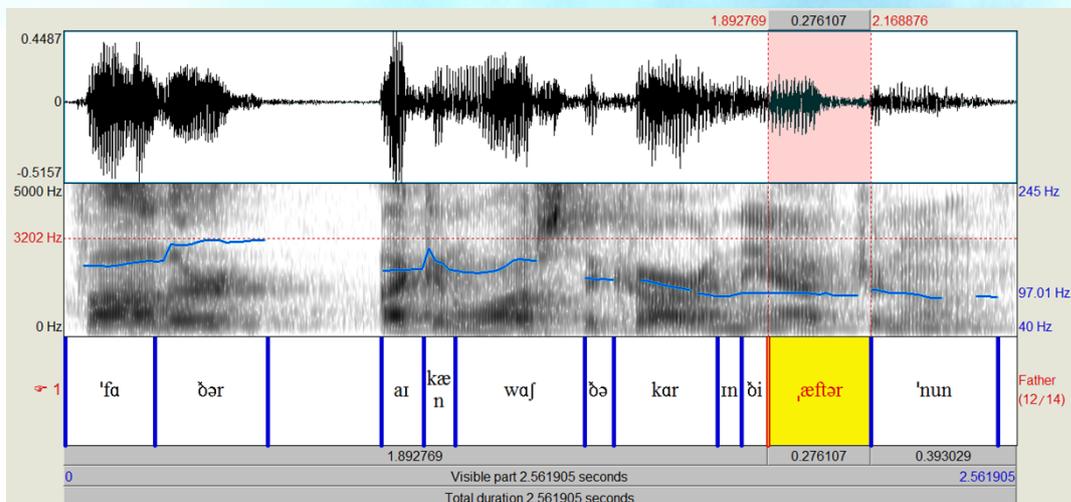


Fig. 3: Forma de onda e espectrograma com visualização de duração, F0 e isocronia produzida por um falante norte americano

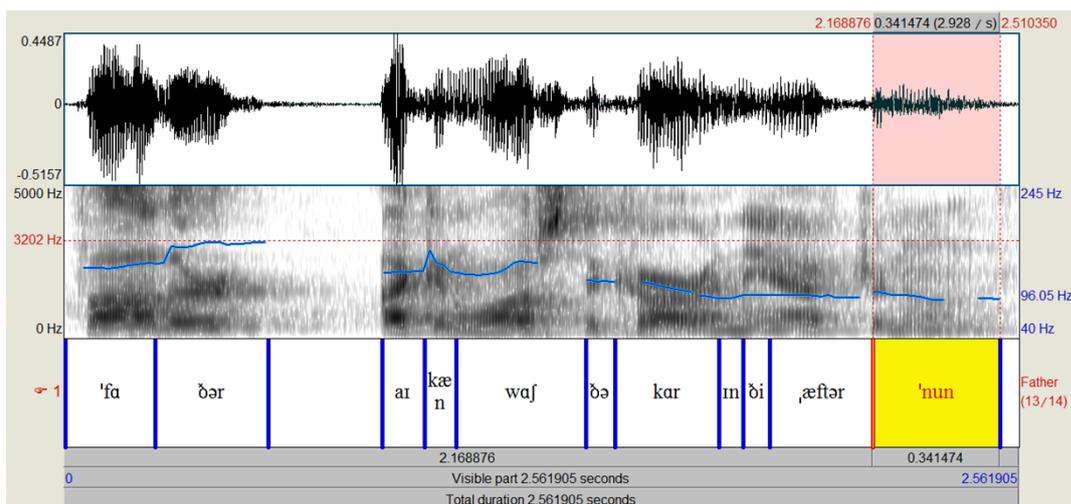


Fig. 4: Forma de onda e espectrograma com visualização de duração, F0 e isocronia produzida por um falante norte americano

Segundas imagens – Brasileiro

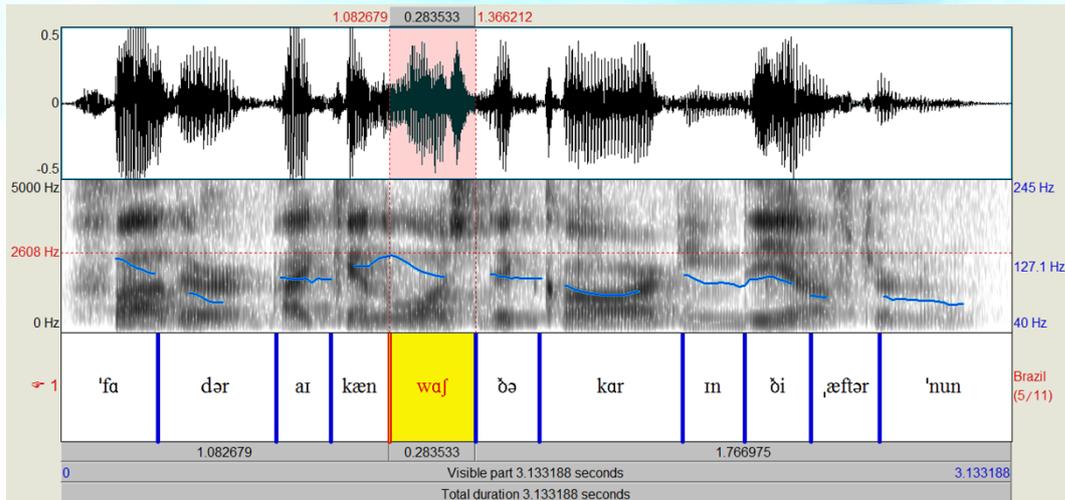


Fig. 1: Forma de onda e espectrograma com visualização de duração, F0 e isocronia produzida por um falante brasileiro.

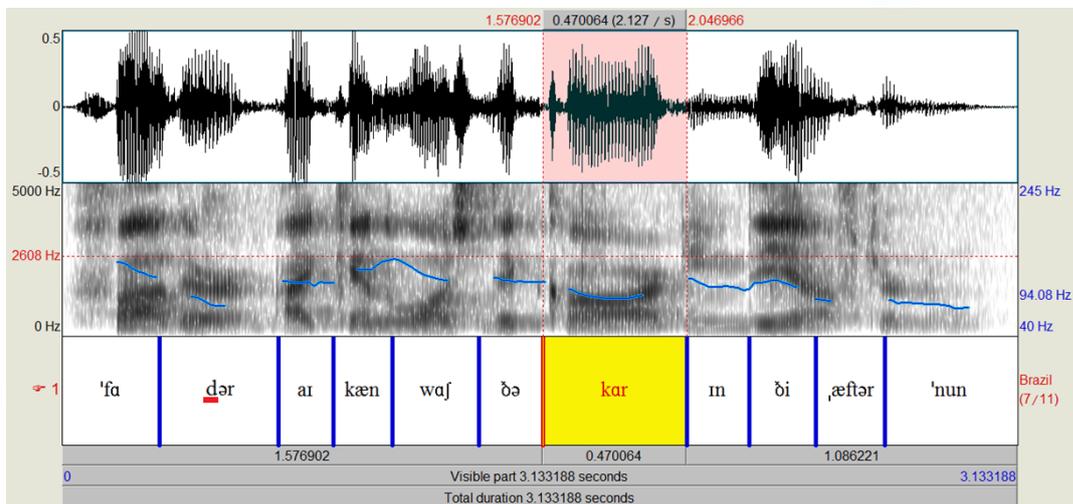


Fig. 2: Forma de onda e espectrograma com visualização de duração, F0 e isocronia produzida por um falante brasileiro.

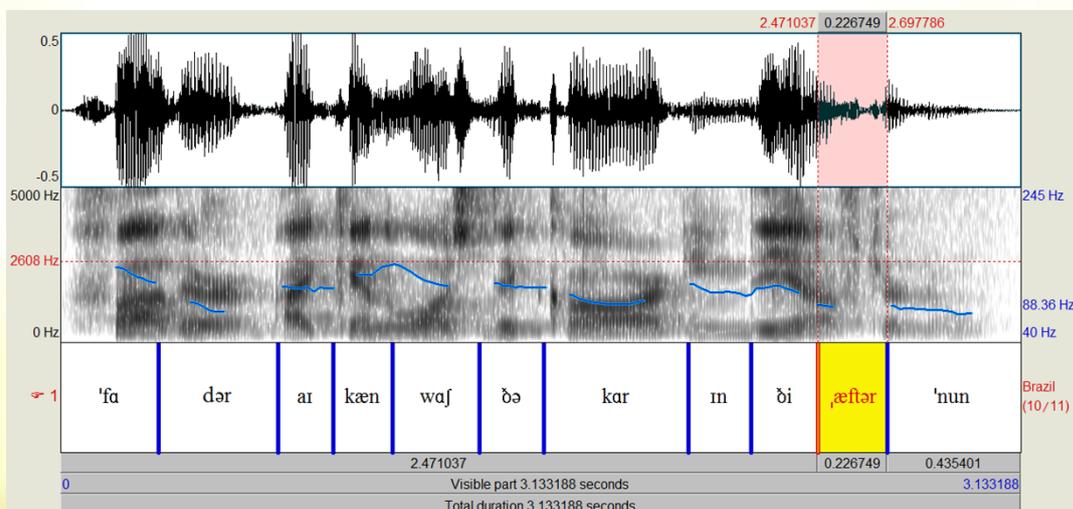


Fig. 3: Forma de onda e espectrograma com visualização de duração, F0 e isocronia produzida por um falante brasileiro.

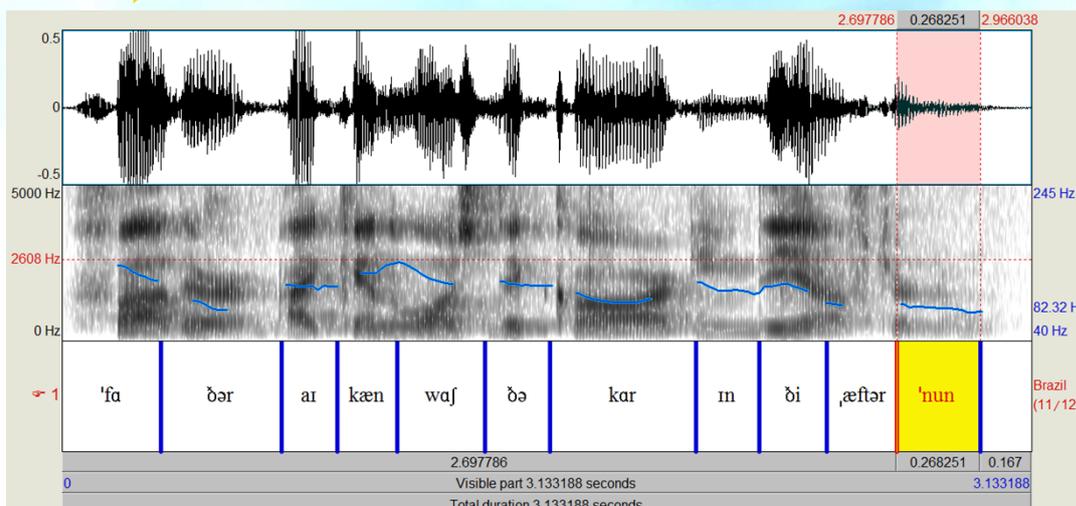


Fig. 4: Forma de onda e espectrograma com visualização de duração, F0 e isocronia produzida por um falante brasileiro.

5. DISCUSSÃO

Segundo Silva (2012, p.117), “ as línguas variam quanto aos seus inventários fonéticos”, ou seja, o inventário fonético de uma língua não corresponde ao de outra, o que implica que há sons existentes em uma língua que não existem necessariamente em outra.

Conforme Silva Jr (2013) as línguas utilizam o ritmo de forma distinta para construir significados. Logo, os resultados aqui apresentados corroboram para a ideia de que no processo de aquisição da língua inglesa como L2 o ritmo pode constituir inicialmente uma dificuldade para o aprendiz. Ainda conforme o autor isso porque os aprendizes, na etapa inicial da aquisição, tendem a transferir o ritmo e outros aspectos prosódicos que utilizam na L1 para construir significados na L2.

6. CONCLUSÃO

Ademais os resultados e discussões aqui apresentados podemos concluir, ainda de maneira preliminar e embasado em nossas análises que, o ritmo por ser a parte mais orgânica no processo de aquisição, e ser a primeira parte da fonologia a ser adquirida, ela deixa traços muito fortes e infossilizáveis na mente, mas com isso, o falante não deixa de ser inteligível e ele pode adequar o seu ritmo de fala ao ritmo de fala de língua inglesa.

Isso é uma pesquisa que ainda está em andamento, esses resultados aqui são parciais. Os resultados finais vão ser entregues em tempo abio da execução do presente projeto. Para estudos futuros, pretendemos analisar o ritmo em contexto de situações reais, a partir daí a pesquisa pode se tornar mais consistente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS

ABERCROMBIE, D. Elements of General Phonetics. Edinburgh: University Press.

AVERY, P.; EHRlich, S. Common Pronunciation Problems. In: AVERY, P.; EHRlich, S. Teaching American English Pronunciation. New York, Oxford University Press, 2012.

BARBOSA, P. “SYLLABLE-TIMING IN BRAZILIAN PORTUGUESE”: UMA CRÍTICA A ROY MAJOR (Tempo-silábico em Português do Brasil: a critic to Roy Major).

BLANK, C, A & ZIMMER, M, C: A transferência fonético-fonológica L2 (francês) – L3 (inglês): um estudo de caso. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 209-211, jan./jun. 2009

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura Parâmetros Curriculares Nacionais, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acessado em 04/04/2015.

CELCE-MURCIA, Marianne. Teaching Pronunciation: A course book and reference guide, 2 ed. New York, Cambridge University Press, 2010.

COOPER, R. L. What do we learn when we learn a language? *TESOL Quarterly*, v. 4, 1970, p. 312-20.

CORDER, S. P. The Significance of learners' errors. *IRAL*, v. 5, 1967, p.161-70.

DAUER, R. M. (1983) Stress-timing and syllable-timing re-analysed, *Journal of Phonetics*, 11: 51-62, 1983.

DIÓGENES CÂNDIDO DE LIMA (ORG.). Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa, conversa com especialistas. Transferência fonológica no ensino de língua inglesa. 53-58 (2009).

FRASER, H. (2001). Teaching Pronunciation: A handbook for teachers and trainers Three Frameworks for an Integrated Approach. Austrália: DETYA.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. Aquisição e Aprendizagem de Segunda Língua, 1995.

LLOYD-JAMES, A. (1940) Speech signals in Telephony. London.

LADEFOGED, P; DISNER, S. Vowels And Consonants, Third Edition, 2012.

MCARTHUR, T. (1998). Living Words: Language, Lexicography, and the Knowledge Revolution.

MASSINI-CAGLIARI, G. Acento e Ritmo. São Paulo: Contexto, 1992.

PIKE, K. (1945) The Intonation of American English. Ann Arbor: University of Michigan Publications, 1945.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ROACH, P. English Phonetics and Phonology: a practical course, second edition, Cambridge University Press, 1998.

SILVA, Jr & SCARPA, E. Choque Acentual no Inglês por Influência Rítmica do Português Brasileiro.

SCARPA, E.M. O recurso a níveis superiores na aquisição e na afasia. PaLavra, 6, PUC-Rio, Editora Trarepa, 2000.

SILVA, T.C. (2012). Fonética e fonologia do português. Roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Editora Contexto.